

**TANTO  
FAZ**





UNESP

FAAC

**VIDEOCLÍPE E CONCEPÇÃO ARTÍSTICA**

**TANTO FAZ**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANA CAROLINA CANNONE MENDES

ORIENTAÇÃO

PROF<sup>a</sup> DOUTORA LETÍCIA PASSOS AFFINI

Projeto Experimental apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Radialismo, ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Letícia Passos Affini, do Departamento de Comunicação Social”.

SÃO PAULO

2020



# Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao talentoso Edu Sereno, por me emprestar sua arte para que eu pudesse também fazer arte.

Igualmente estendo à minha equipe maravilhosa, a quem atribuo este produto. À Letícia, Graciela e Beatriz. E também à Fernanda e Fernando. Eu e isso nada seríamos sem vocês.

Além disso, sou grata à Letícia Affini, por ter sido muito mais do que uma orientadora, um resgate. E também por ter feito parte de todas as etapas da minha graduação.

Agora agradeço à minha mãe, Danielle, por sempre acreditar em meus devaneios e caminhar de mãos dadas através de tantos contratempos da vida. Você me ensinou o que é irmandade, garra e humildade. Você é a mulher da minha vida.

Por último agradeço ao Cláudio, por um dia ter olhado-me nos olhos e dito que eu jamais seria capaz de chegar até aqui.

Obrigada.



*Incêndio em mares de água disfarçado!*

Gregório de Matos

*Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.*

Belchior





# Sumário

## 1. INTRODUÇÃO

## 2. METODOLOGIA

2.1. Pesquisa aplicada

2.2. Recursos financeiros

2.2.1. Obtenção

2.2.2. Gastos

## 3. PROCESSO

3.1. História

3.2. Discussão

## 4. RESULTADO

4.1 Pré Produção

4.1.1 Referências

4.1.2 Concepção

4.2. Produção

4.2.1 Objetos

4.2.2 Gravações

4.3. Pós Produção

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

## 6. REFERÊNCIAS

**Clique aqui para assistir**

# Introdução

Desde o nascer, cada escolha que tomamos nos leva a uma experiência, e essas experiências são o que nos molda para chegar onde estamos hoje. A cada segundo que se passa em que fazemos (ou não) qualquer coisa, isso se reflete no nosso processo de crescimento pessoal. A partir do momento que tomamos consciência de que estamos vivos; e vivendo; passa a ser uma escolha nossa viver ou morrer. E isso também é crescimento. A proposta apresentada no presente projeto é elaborar uma sequência retratando o crescimento do ser humano através da visão apresentada, levando também em conta o simbolismo incorporado nos elementos presentes em cena, como a música, a dança, as cores, os objetos, os enquadramentos, etc; e discorrer sobre essas nuances da direção de arte como instrumento narrativo. Ou seja, o projeto não é o produto em si, e sim a construção da narrativa através dos elementos cênicos.

A forma de retratar essas singularidades humanas escolhida para este projeto foi o videoclipe, a junção sensível da imagem e do som. No início da história desse meio de comunicação, ele era um mero acessório, apenas um número musical. A partir dos anos 80, com o surgimento da MTV e finalmente o cunho do termo “videoclipe” ele se tornou quase vital a qualquer banda e produção musical. Além disso, evoluiu para símbolos de liberdade, expressão, rebeldia, arte e etc. Hoje em dia até contam histórias,

como verdadeiros curta-metragens. A esperança é que este projeto passe também essa noção de storytelling, através da direção de arte, fotografia e da composição sonora.

E o modo de retratar a temática dentro do meio foi a direção de arte e metáforas visuais. Não poderia ter sido diferente, pois o crescimento humano é sensível por si só; já foi retratado milhões de vezes e eu ousou dizer que toda boa história é sobre crescer. Não há nada que valha a pena ser retratado que não faça parte de uma mudança estrutural. Do pior e mais repugnante filme de terror onde os protagonistas são brutalmente assassinados e percebem os erros que cometeram para chegar até aquele ponto, até o mais macio e pacífico romance em campos de trigo, onde aprendem a querer a presença um do outro. A mudança do ser humano nunca pode ser parada, nem mesmo com a morte, pois esta precede a decomposição (que é, em si, uma nova mudança).

A música foi escrita por um artista brasileiro e figura em seu álbum “HAUX”, repleto de canções de cura, com fortes influências indígenas, que também busca o entendimento e crescimento pessoal, além de espiritual. O nome do álbum significa “que venha a cura” e é uma palavra entoada pelos pajés no início ou fim dos rituais. Edu Sereno é um músico, cantor e compositor paulista, além de boa pessoa com um grande coração. A música em questão é “Tanto Faz”, de 2018.

Todas essas escolhas aconteceram por acaso, o videoclipe, a música, o tema. Mas nessa grande amálgama da vida, o que nos resta é fazer o melhor dos acasos; e é por isso que estamos aqui. Espero que aproveitem a jornada junto comigo.

# Metodologia

## 2.1. Pesquisa aplicada

No presente estudo, adotei o método de Pesquisa Aplicada, que segundo Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira em seu glossário de métodos de pesquisa, *“Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.”*

O que significa que apliquei um conhecimento prático, na busca de reafirmar o tema proposto; no caso o simbolismo na representação do crescimento e na construção do eu.

Ademais, Fonseca também traz uma reflexão interessante ao tratar da pesquisa de Ação, dizendo:

*“O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador.”*

Sabendo se tratar de uma eterna construção, não há como descartar

o fato de que toda a vivência do próprio estudo colaborou para que estejamos aqui hoje. Por isso, gostaria de acrescentar essa passagem como uma metodologia bônus, ou uma brincadeira entre nós, já que aqui embarcamos juntos.

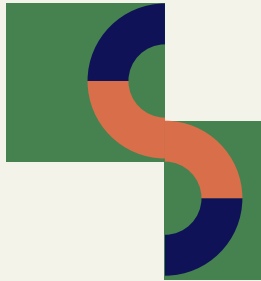
## 2.2. Recursos financeiros

### 2.2.1 Obtenção

Para esse processo foram utilizados recursos próprios, que foram investidos, somados a poupanças e transformados em 1500 reais: o valor completo do projeto. Relatarei aqui o processo de obtenção desse montante.

No início de 2019 eu já sabia que precisaria reunir verba para o projeto de conclusão de curso, então economizei o dinheiro do estágio que fazia na época, mas nem imaginava o processo incrível que isso tudo se tornaria.

Tendo trabalhado com arte por anos, estive também inserida no meio do design e ilustração; um pouco por apreço próprio e um pouco por lindos acasos do destino. Um desses foi o fato do próprio estágio supracitado ser na área de design e marketing e ser numa empresa que também valorizava o aspecto humano do contratado. Por isso, dentro da própria firma, a colaboradora do RH me ajudou com os cálculos, criação de uma tabela e um plano de negócios básico para as minhas futuras vendas!



Esse plano, atrelado às condições impostas ao produto por mim mesma, se mostrou chave para o sucesso financeiro do projeto como um todo. Minhas condições eram: entregar um produto bonito, de qualidade, com preço acessível. Para definir o limite de preço foi muito importante enxergar o contexto em que essa venda estava acontecendo e tentar fazer com que fosse acessível aos universitários, mas ao mesmo tempo sem esquecer o motivo de todo esse esforço. Para isso, me perguntei muito: “eu pagaria esse valor?”. Isso reduziu consideravelmente a fatia dos lucros, pois sou muito pão-dura.

Fiz questão de pensar numa opção que se tornaria um bem de consumo, algo que as pessoas ao meu redor tivessem vontade de possuir, e não só comprar para que pudessem me ajudar. Nunca quis isso, busquei justamente uma troca mútua, uma venda em seu significado nato. Por isso, desenvolvi uma ilustração autoral, com o público alvo muito bem pensado: as pessoas do meu círculo social e análogas. A partir dela foram produzidas 50 camisetas e 100 adesivos com a ilustração do tigrinho de lacinho (figura 1).

Comecei a parte financeira investindo todo o dinheiro que eu tinha na conta bancária, e pedindo o resto emprestado para inteirar. Comprei 50 camisetas em atacado e paguei frete de São Paulo para Bauru, totalizando R\$460,50. Além disso, também investi na estamperia dessas camisetas, paguei 260 reais em duas telas de Silk com dois tamanhos da ilustração, uma para a frente e uma para as costas. Cada camiseta foi vendida a 35 reais, nos tamanhos P, M, G e GG.

Além das camisetas, também foram vendidos adesivos com a mesma ilustração. Comprei 100 adesivos por 66,49 reais e vendi cada um



Figura 1- Tigrinho de lacinho (Fonte: acervo próprio)

a 3 reais ou 3 por 5. O objetivo dos adesivos era gerar uma opção mais barata para que os que não tinham o valor da camiseta também pudessem participar do projeto, não foi visado um ganho expressivo.

Com as camisetas devidamente estampadas e os adesivos em mãos, chamei alguns amigos que vestem tamanhos diferentes e fizemos um ensaio bem bonito para promover a venda dos produtos. Os presentes foram: Letícia, Fernanda, Rubens e Tarcísio. As fotos foram feitas, editadas e coladas digitalmente por mim (imagem 2). Depois de tudo pronto, embalei cada camiseta individualmente com papel manteiga e barbante colorido, cada pacote com um agradecimento escrito à mão.

Mesmo com toda a ansiedade e nervosismo me permeando nessa hora, escrevi um texto de divulgação e postei no Instagram. A resposta foi muito melhor do que o esperado e o tamanho P se esgotou no mesmo dia. Todos os outros tamanhos foram vendidos no decorrer daquela semana.

Sou imensamente grata a todos que ajudaram, seja com as fotos, comprando ou divulgando.

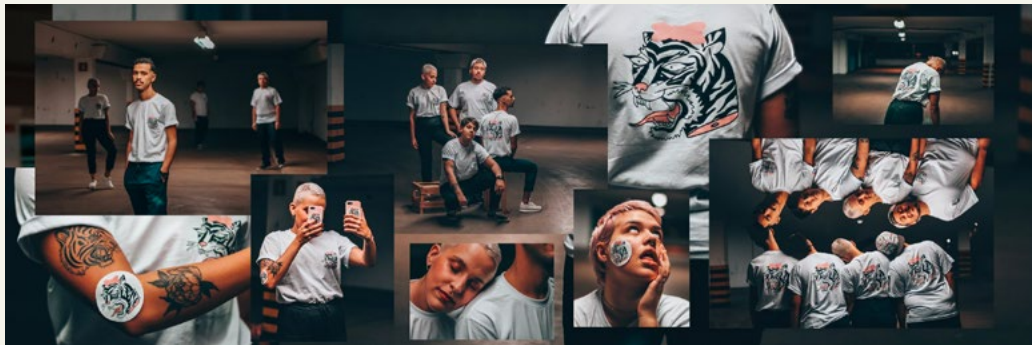


Figura 2 - Ensaio das camisetas (Fonte: acervo próprio)

### 2.2.2 Gastos

O objetivo aqui sempre foi fazer o melhor possível gastando apenas a quantia de R\$1500 que se fez disponível, então serei bem sucinta e apresentarei primeiro os dois maiores gastos: 455 reais em acrílicos, um espelhado e um transparente; e R\$320 gastos com carreto, sendo 40 reais o trajeto.

Além disso, aqui relatarei outros gastos expressivos. As flores: 8 maços de 25 reais cada, totalizando 200 reais. Os dois vestidos idênticos usados nas gravações, no valor de R\$120. Os moldes e estudos para a peça do coração, que envolveram: 2 silicone PU (30 reais cada) + durepoxi (15

reais) + 4 gelatinas de framboesa (1 real cada) + Látex líquido (R\$37), totalizando R\$116. Refletor LED com bateria: 120 reais. Balança de antiquário: 80 reais.

O produto ter sido realizado com tão pouca verba só foi possível através da dedicação e apoio dos meus queridos amigos e equipe, que trabalharam de graça e, muitas vezes, também forneceram objetos emprestados. Além disso, também tive três anjos motorizados presentes neste projeto, a quem só posso agradecer, pois não cobraram um centavo. Meus amigos Fernanda e Fernando, que levaram a equipe e equipamentos para várias locações; e Beatriz, a atriz e dançarina do clipe, que percorreu Bauru quase todinha em sua moto atrás da gente.

Projeto			
TCC Ana Carolina Cannone Vídeoclipe e Concepção Artística Tanto Faz			
Logística e Frete			
Carreto	Sr. Mizuno	R\$	320.00
Transporte equipe	Fernanda ( <i>pro bono</i> )	R\$	-
Transporte equipe	Fernando ( <i>pro bono</i> )	R\$	-
Objetos Cênicos			
Acrílicos	Loja Especializada	R\$	455.00
Tecido Rosa	Próprio ou emprestado	R\$	-
Flores	CEAGESP - Bauru	R\$	200.00
Frutas	Mercado	R\$	22.00
Fogão	Próprio ou emprestado	R\$	-
Utensílios cozinha	Loja Especializada	R\$	15.00
Tapete cozinha	Loja Especializada	R\$	16.00
Bolo	Preparado em casa	R\$	9.00
Bolinhas de gude	Loja Especializada	R\$	10.00
Coração	Preparado em casa	R\$	116.00
Balança	Antiquário	R\$	80.00
Porta Demolição	Doação	R\$	-
Pérola	Enfeite de natal antigo	-	-
Sofá	Próprio ou emprestado	R\$	-
Cartas Tarô	Impressão	R\$	17.00
Velas	Próprio ou emprestado	R\$	-
Iluminação			
Refletor Led	Loja Especializada	R\$	120.00
Figurino			
Vestidos	Loja Especializada	R\$	120.00
Total Geral			R\$1,500.00

Figura 3 - Tabela de gastos (Fonte: acervo próprio)

# Processo

## 3.1. História

Essa história começa em 2018, com o primeiro projeto de pesquisa. Durante o terceiro ano da graduação tivemos a orientação do professor Marcos Américo na matéria “Projeto de pesquisa I” e, nessa ocasião, produzimos o primeiro rascunho do que talvez viesse a ser o nosso famoso projeto de conclusão de curso. Meu projeto foi totalmente diferente do que apresento aqui hoje, felizmente ou não.

Naquele ano minha vontade inicial era fazer um webdocumentário sobre saúde mental; contando com 5 episódios, cada um sobre uma doença da psiquê. O objetivo sempre foi falar sobre o assunto com leveza, mas ao mesmo tempo desestigmatizar o tema, trazendo informação de fácil acesso e compreensão, para que consigamos, como sociedade, banir o termo louco.

Elaborei um pré projeto, busquei uma orientação na área da psicologia, criei uma identidade visual, reuni uma equipe de 10 pessoas e comecei os trabalhos. A cobrança era grande, porque o projeto era grande, mas a expectativa era alta e na minha mente ecoava “você fez uma universidade pública, tem que devolver alguma coisa à sociedade” e ao mesmo tempo a cobrança pessoal para concluir a formação em

4 anos. Assim segui, até que em junho de 2019 recebi a notícia de que não poderia seguir sendo orientada pela professora escolhida. A essa altura do campeonato não era mais possível encontrar outra orientação dentro do curso de rádio e TV, muito menos dentro da FC, já que nenhum outro docente se encaixava com o tema de maneira coerente.

Em tempo recorde tive uma epifania temática e decidi mudar o projeto por completo, para que fosse possível me formar até o final daquele ano letivo. A nova ideia foi um videoclipe! Faz muito mais sentido, certo? Mais liberdade exploratória, espaço para desenvolvimento da direção de arte como algo mais plástico e criativo. Faz sentido! Fiz arte por 4 anos na faculdade; fazer um documentário só pela responsabilidade (atrelada a mim por ninguém menos que: eu mesma) de entregar um produto recheado de conteúdo com serviço público seria ruim, né?

E o primeiro passo do processo de de crescimento que eu chamo de TANTO FAZ se deu bem aqui. *A culpa.*

O maior dos conselhos se apresentou numa conversa com minha (agora) orientadora Leticia Affini. Tenho essa memória em minha mente em grande detalhe, inclusive porque esse encontro foi uma grande coincidência. Ela me disse: vai e faz! Falou que era minha última chance de fazer um produto que me fizesse feliz, que era o momento exato de me permitir ser um pouquinho egoísta em prol de entregar um projeto com gosto.

Infelizmente, nessa ocasião ela estava com as vagas preenchidas, então busquei ainda outra orientação; dessa vez do departamento de

artes. Começava então uma verdadeira corrida contra o tempo: elaborar o pré projeto junto com o próprio projeto e sincronizar as leituras com a pré produção do videoclipe, ao mesmo tempo em que trabalhava, tinha aulas e captava recursos financeiros para o próprio projeto. Foi incrível! A correria valeu a pena e os poucos encontros que tivemos (eu e a então orientadora) realmente abriram meus olhos e ajudaram a colocar pontos onde tinham vírgulas e construir pontes entre um objeto e outro. E assim segui, até novembro, quando mais uma vez recebi a notícia de que a orientação havia caído por terra; dessa vez faltando uma semana para o início das gravações, que se deram no final de novembro e começo de dezembro.

Na mesma semana marquei um encontro com a (agora) orientadora, Letícia Affini, e contei toda essa história. Nesse dia conversamos por horas dentro do estúdio; fofocando, desabafando, chorando (essa parte só eu mesmo) e enfim decidimos o que teria de ser feito. Segurar a formatura por 6 meses e me incluir na lista de orientandos do próximo semestre. Baita plano! Só não contávamos com o maior imprevisto coletivo do Brasil e do mundo: Coronavírus.

No retorno a São Paulo, em 2020, comecei a trabalhar e logo veio a quarentena, o esquema home office, a letargia, a tristeza. Foi um ano irônico: muito corrido e ao mesmo tempo parado no lugar. Com toda essa exaustão, não foi possível dar atenção ao projeto até o meu desligamento da empresa; mas aí é que entra o mais surpreendente desenrolar dessa história: mesmo desempregada, como não me formei nesse meio tempo? A resposta não é simples, e talvez eu mesma nem saiba dizer, mas o fato é que passei por um processo de autoconhecimento causado pela dor, e isso

também me fez crescer. Sofri um acidente e, ao ser resgatada pelos bombeiros, fui exposta a outras pessoas sem EPIs e também peguei Covid, então fiquei sozinha em casa por muito tempo, presa em mim mesma. Com tanto tempo pra refletir e ensimesmar, quase não sobrou pra pensar no que já foi refletido no passado. Mas agora estamos aqui, refletindo juntos. E isso também é crescer.

Obrigada por ler essa história.



### 3.1. Discussão

Ao assistir o produto pela primeira vez, talvez não seja possível tirar todo o conteúdo da história, mas esse era o objetivo; criar uma sequência de acontecimentos sem um sentido narrativo absoluto, para que os elementos cênicos pudessem contar a história, a minha história e de tantas outras. Além disso, para que o receptor possa interagir cognitivamente e traçar seu próprio resultado através do referencial individual. E aqui estou eu, contando mais uma vez o meu momento de catarse egoísta e explicando o pensamento por trás das cenas. Cada sequência tem seu próprio esquema de cores e simboliza uma passagem da vida, então traz junto suas referências e histórias. Quando vi tudo junto pela primeira vez, reparei que as sequências formam a jornada do herói quase que perfeitamente, então é aqui que começamos nosso aprofundamento do tema.

Em 1949, Joseph Campbell nos apresentou 17 etapas para identificar o ciclo que torna um mito um mito; bem literalmente o que o título diz, uma jornada do herói. Depois disso, essas etapas



foram condensadas por Christopher Vogler em 1998 para se tornar mais adaptável às jornadas dos autores e roteiristas, assim criando o monomito como conhecemos hoje. A imagem abaixo mostra essas etapas de forma gráfica e descomplicada.



Figura 4 - Jornada do Herói (Fonte: Blog - [Educação Fora da Caixa](#).)

O clipe abre com uma sequência de “acordar”, que simboliza o nascimento. Aquele canto confortável que, como um bolsão, um útero, te mantém segura e quente, mas ao mesmo tempo te mostra a tentação da saída, o inexplorado, um corredor de opções. Esse é nosso ponto de partida, o mundo comum e, ao mesmo tempo, o chamado. As cores são neutras, pois ainda somos uma folha em branco.



Figura 5 - O despertar (Fonte: acervo próprio)

A segunda sequência é sobre se perceber, que é uma ação que o bebê tem logo no começo da vida, quando reconhece o próprio reflexo. Mas é também uma ação que continuamos tendo todos os dias das nossas vidas ao nos enxergar (ou não) no espelho. Ela trilha seu caminho ao atravessar a passagem de flores brancas, representando a inocência e a pureza, mas também trazendo a noção de que algo está por vir, já que flores são comuns tanto no nascimento, quanto na morte. Logo após se reconhecer como ser humano vivo e pensante, já começam as nossas incumbências binárias. E é isso que o rosa representa nessa sequência: o feminino, e com ele o peso de ser mulher. Ao mesmo tempo nossa protagonista descobre sua imagem (literalmente) e sente esse incômodo que é a pressão do feminino. Desde já ela nos mostra a sua força e ainda que possa doer, reage àquilo que a fere; tenta atingir o reflexo e ver a mudança nela mesma. Esse é o primeiro aprendizado

e, nele, encontramos a representação física desse marco na bolinha de gude, que é delicadamente retirada de um cenário conflitante de cacós agudos e mansas flores. Ela o mantém perto de si, guardando esse saber no bolso, como que pronto para ser lembrado. E assim começa a jornada de coletar experiências para se formar por completo.

Todos nós somos uma amálgama de tudo e todos que já passaram por nós; uma verdadeira colcha de retalhos, sempre em progresso e também sempre espalhando fios por aí e, sem perceber, colorindo a trama de outro alguém. A vida é assim, quando vamos perceber já estamos olhando memórias.



Figura 6 - O descobrimento do feminino (acervo próprio)

Após a nossa própria existência, a segunda instância que mais nos afeta é a familiar, então nada mais justo do que a próxima sequência ser justamente a representação disso. Na tradição milenar do feng shui, o guá da família é representado pela cor verde, então escolhi essa cor

para predominar nos elementos dessa cena. A garota entra, curiosa, procurando algo. Ali ela está confortável novamente. Vemos o elemento do fogo: o cigarro é ao mesmo tempo morno e puxa a sensação de que alguém esteve ali antes, ou seja, suas raízes, mulheres que vieram antes e virão depois; isso porque essa não é uma experiência estritamente individual e sim quase coletiva. Além disso é também um easter egg pessoal, um olá à minha própria vizinha, que fuma bastante.

Logo após se deparar com esse ambiente controlado e caloroso ela encontra a epítome do autocontrole de uma criança: um bolo de chocolate. Esse bolo não é dela, mas como resistir? Então como uma representação da puberdade, desobediência, saboreio do fruto proibido e perda da inocência, ela enterra a mão na sua recompensa por ter chegado até aqui e se sacia com sua rebeldia, apenas para encontrar mais uma bolinha. Crescemos mais uma vez. Qual será a próxima etapa?



Figura 7 - Emancipação (Fonte: acervo próprio)

Entramos agora numa fase desordenada e rápida: a independência, fase em que erramos muito, mas também aprendemos muito com erros, por isso tantas bolinhas. É neste ponto que nossa protagonista se encontra sozinha pela primeira vez; sua ação teve consequências e todas as que seguiram também acumulam resultados e memórias, bolinhas! Aqui temos uma espécie de salto temporal, em que a encontramos pronta para a queda definitiva, o ponto de inflexão, o famoso ou vai ou raxa. Aqui começa a sua morte. Por isso, escolhi para essa sequência a cor roxa. Um dos mais famosos livros sobre psicologia das cores no cinema é o “If it’s purple, someone’s gonna die”, que significa “Se é roxo, alguém vai morrer”; nesse livro, Patti Belantoni resgata mais de 20 anos de pesquisa e experiências e conta:

*And for more than twenty years, the results were virtually without deviation. We found purple is a color that inspires associations with the nonphysical. [...] The death may not always be literal. It may not always be someone but something that will die or be lost when purple appears onscreen. It might be love or youth or dream or illusion.*

Em tradução própria:

*E por mais de vinte anos, os resultados foram virtualmente unânimes. Percebemos que o roxo é uma cor que inspira associações com o não físico [...] A morte pode nem sempre ser literal. Pode não ser alguém, mas algo que morrerá ou será perdido quando o roxo aparece em cena. Pode ser o amor ou a juventude ou um sonho ou uma ilusão.*



Figura 8 - A perseguição (Fonte: acervo próprio)

O que morre aqui é a juventude, mas no sentido da imaturidade. Essa cena também é um aceno ao declínio da saúde mental; ela conseguiu fugir da escuridão que a perseguia pelo corredor roxo, mas com isso perdeu tudo que acreditava ser real. A partir daqui é tudo uma reconstrução, mas não há progresso sem consciência. A queda, muitas vezes é necessária para que possamos ter uma nova perspectiva; já dizia Sallie Nichols, célebre autora do livro “Jung e o Tarot”, psicóloga e estudiosa do tema, inclusive tendo cursado no instituto fundado pelo próprio Jung, na Suíça.

*No centro da experiência (chamemo-la iniciação ou crucificação), está a terrível necessidade de sentir-se traído e enfrentar a horrível solidão de ter sido totalmente abandonado. Referindo-se a esse estado psicológico, Jung*

*escreve: “O paciente precisa estar só para descobrir o que o sustenta quando já não pode sustentar-se. Somente essa experiência poderá dar-lhe uma base indestrutível.” [C. G. Jung, Psychology and Alchemy, C. W. Vol. 12, § 32].*

A próxima cena é marcada pelo azul, cor que Belantoni denomina como indicativo de ponto de virada, representando isolamento e revelação. No livro ela cita como exemplo o filme “O sexto sentido”, em que essa cor foi usada para nos levar à percepção de que a garota na verdade estava morta o tempo todo.

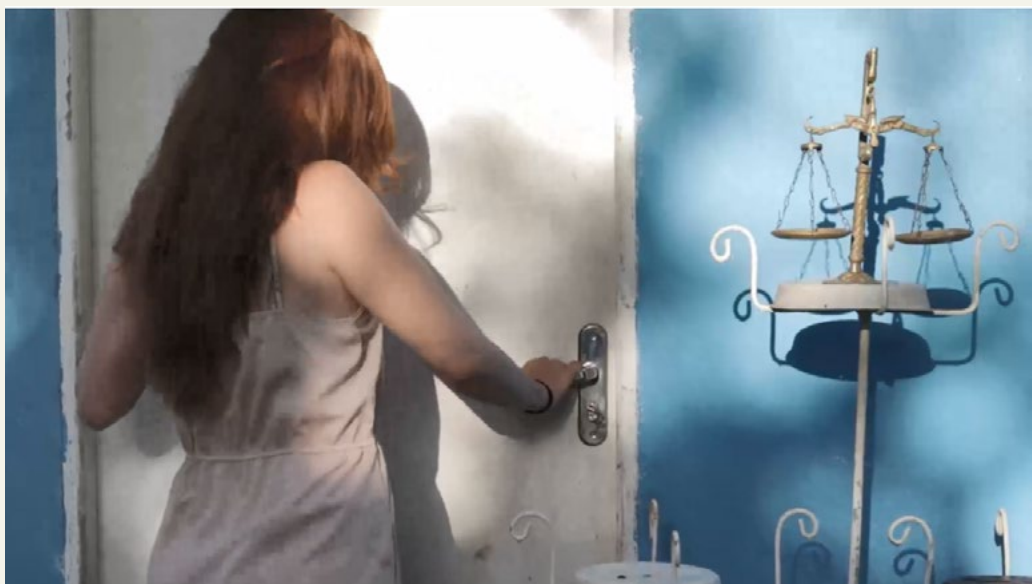


Figura 9 - A virada (Fonte: acervo próprio)

Essa é uma jornada, mas não para fora, para dentro. Ao levantar e seguir em direção à única saída possível, a nossa heroína não vai explorar o mundo, mas sim reconhecer a si mesma.

Te convido agora a olhar o espaço em que você está e perceber a porta: você está do lado de dentro ou do lado de fora? E de que lado está o trinco? Nesta sequência podemos perceber que a maçaneta começa na direita e permanece na direita, simbolizando essa jornada introspectiva, ou seja, ela nunca saiu; passou pela porta, mas continua dentro, apenas indo mais fundo. E algumas portas não são passíveis de serem fechadas após abertas; a porta que leva ao mergulho em si mesma é uma delas.

Inclusive esse é um personagem forte dessa produção, mas que esteve tímido até agora: a porta. Antes dessa interação com nossa guia apareceram cerca de 8 batentes e portas, isso porque essa simbologia é muito rica. Nada melhor para descrever uma passagem, uma oportunidade, uma possibilidade; do que uma porta (aberta ou fechada). Daqui para frente ainda vamos somar mais algumas aparições de portas, e nenhuma por acaso. O poeta e dramaturgo francês Pierre Albert-Birot escreveu, em seu livro de poemas “Les amusements naturels”, ou, em tradução livre, “Os prazeres naturais”

*À porta quem virá bater?  
Em uma porta aberta se entra  
Uma porta fechada um antro  
O mundo bate do outro lado de minha porta.*

Essa citação também é utilizada por Gaston Bachelard, para inaugurar o primeiro capítulo de seu livro “A poética do espaço”, de 1957, em que discute o espaço como extensão da nossa própria

imaginação e psique. Na mesma obra, o filósofo também diz “Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço.”. E é aqui que percebemos, em nossa narrativa, que o tempo, espaço e pensamento estão misturados, mas de maneira a funcionarem juntos como engrenagens, nos impulsionando para frente na história.

Depois de sair pela porta, sem chance de volta, ela começa o processo de busca por si mesma, dentro de si mesma. Como no filme “O brilho eterno de uma mente sem lembranças” (2004), em que o personagem de Jim Carrey foge da sua decisão de apagar uma pessoa da sua mente, tentando escondê-la em outras lembranças, e, assim, revisitando uma série de memórias formativas, que explicam os outros porquês do filme. Aqui a protagonista do Tanto Faz caminha e caminha por terras inexploradas, cantos dela mesma. E ao mesmo compasso que o tempo passa dentro de si, é inevitável que aconteçam coisas ao seu redor na vida real, então esse é um processo de cura paralelo com a criação de novas memórias e experiências. Na realidade ninguém pode parar o tempo de correr para frente, então é fato que toda imersão interna é também uma jornada externa; todo olhar para trás também é um olhar para frente.

Agora, depois dessa exaustiva caminhada, encontramos um dos elementos mais cheios de simbologia de todos os tempos: a água. Inclusive a água como elemento semiótico está presente em todos nós, já que é um dos arquétipos de Jung, significando que faz parte do nosso inconsciente coletivo de experiências e temores. Esse arquétipo está ligado ao renascimento e ressurreição, assim como na maioria dos mitos de heróis. Já Bachelard (2002, p. 49) nos traz uma visão mais visceral: “(...) *toda água primitivamente clara (...) é uma água que deve escurecer, (...). Toda água*



Figura 10 - Contemplação (Fonte: acervo próprio)

*viva é uma água que está a ponto de morrer*”. Deste modo, contemplar a água é dissolver, é morrer. Como narciso, é preciso analisar a figura que se vê na água, mas ao contrário dele, aqui haverá uma reflexão no reflexo. E para não restar mais dúvidas, nossa protagonista vai em frente e pula, submerge, e ascende.



Figura 11 - Ascensão (Fonte: Acervo próprio)

Agora vemos o esperado renascimento, ela sai da água carregando suas novas vivências, experiências, tudo que assimilou racionalmente dessa jornada até agora: uma pérola. Já dizia Rubem Alves (2008), em “Ostra feliz não faz pérola”:

*[...] era uma pérola, uma linda pérola. Apenas a ostra sofredora fizera uma pérola. [...] Isso é verdade para as ostras. E é verdade para os seres humanos. [...] A beleza não elimina a tragédia, mas a torna suportável. A felicidade é um dom que deve ser simplesmente gozado. Ela se basta. Mas ela não cria. Não produz pérolas. São os que sofrem que produzem a beleza, para parar de sofrer. Esses são os artistas.*



Ou seja, toda caminhada tem uma recompensa e, como tudo aqui, essa recompensa é crescer, se conhecer, e caminhar adiante. Não há pérola sem pressão. Nossa protagonista rompe a barreira d'água com ar de vitória, carregando o que é seu, o que viveu e aprendeu. E agora caminha de volta para “casa”, um caminho muito mais fácil, porque já foi percorrido uma vez. E por isso é também, de certa forma, apático e cansado. Ao finalmente atingir seu destino ela encontra a porta novamente fechada; o que será que ainda falta para conseguir se encontrar?

O teste sempre esteve ali do lado de fora da porta, esperando por ela. Mas antes ela não estava pronta sequer para acessar essa memória, como uma espécie de recalque, me apropriando dos termos da psicologia. Quando a balança e a heroína se encontram pela primeira vez, ela está vazia, então não há nada para efeito de comparação. Agora há uma pena,



Figura 12 - Coração (Fonte: acervo próprio)

já fisgando a ideia do que vem a seguir. Ela tenta abrir passagem usando suas novas experiências e aprendizados, mas sem sucesso; é preciso mais! É aí que entra a visceralidade do autoconhecimento. Dói querer ficar bem, todos nós sabemos disso. Quando ela percebe o que tem que fazer, segue os passos sem hesitar: despeja todas as suas emoções na mesa e literalmente arranca o próprio coração do peito, para então colocá-lo na balança e perceber que, sim, ele é mais pesado que uma pena.

A Psicostasia talvez seja a passagem mais conhecida da mitologia egípcia; é a figura da entrada ao mundo dos mortos, onde o faraó deve entregar seu coração a Anúbis, que o pesa contra a pena da verdade, determinando seu destino a partir dali. Se o coração for leve como uma pena, ele estará livre para adentrar o paraíso, ou renascer. Já se for mais pesado, o coração será devorado por um monstro, aniquilando a possibilidade de ressurreição. Mas aqui, na

cena em discussão, fiz questão de demonstrar isso como uma simbologia ressignificada. A ressurreição que a gente precisava já aconteceu, então não é possível que o peso do coração esteja atrelado a mentiras e malfazeres, como na lenda. Não adianta ser apático e deixar que as coisas aconteçam com você, é preciso o entendimento e maturidade emocional para lidar com seu próprio crescimento e se tornar capitão e não apenas tripulante da própria vida. Aqui tratamos de nossos sentimentos e a aceitação deles como parte da gente, mesmo todas as angústias, medos e dores. E nunca mais quero tratar a intensidade como algo ruim.

Tudo isso faz parte de crescer e não há um ato que alguém possa tomar que não tenha alguma significância no futuro. Depois de aceitar esse fato há um sentimento agridoce de saber que tantos dos nossos aprendizados vêm através da dor, o que também leva muitas vezes a um temor do futuro e vontade de retração. Se você soubesse que do outro lado da dor existe uma recompensa, ainda assim aceitaria passar pela aflição? Um grande exemplo disso é a terapia, ou também a tatuagem. Mas não podemos deixar de notar que ambas são experiências carregadas de estigma.

Com todas essas conclusões tiradas a partir de uma única ação, circulamos de volta para o início do presente documento. Quando temos a percepção profunda de quem somos e a certeza absoluta de que estamos vivos, o mais comum resultado é a contemplação da morte. Aqui, nota-se que tudo já está em seu devido lugar: as roupas limpas e sem rasgos; isso porque ela ainda está no campo das ideias, como no filme “A Origem” (2010), em que vivem sonhos dentro de sonhos. Depois de passar por mais um batente, ela se depara com duas cartas e duas velas acesas. O

ser humano enxerga dicotomia em tudo, começando pelo bem e pelo mal; mas a verdade é que nada é tão preto no branco e o vilão sempre acha que está fazendo a escolha certa. O fogo aqui simboliza isso, a dualidade transposta imagetivamente. Como nos apresenta Bachelard

*Por fim, temos a presença de mais um elemento da natureza, o fogo, elemento é material da transmutação radical, dialetizando-se na confluência de duas valorações opostas entre bem e mal: o Fogo é casto e lúbrico; arde no inferno, brilha no céu.*

E as cartas, a princípio, simbolizam um alívio para a personagem, porque ali ela teria uma visão de que caminho tomar. Ela quer tão desesperadamente acabar com sua agonia de correr atrás do próprio rabo que vira a sua carta de sopetão, apenas para revelar a figura do enforcado. Nós já sabíamos que essa escolha foi uma ilusão, porque a verdadeira liberdade quem se dá é si mesmo; e é isso que o enforcado representa para nós, para Jung e para Nichols:

*Somente através do consentimento, com o coração e com a alma, para esta experiência, convoca o Enforcado um poder celestial prestante e restabelece a conexão entre ele e os deuses e o seu eu transpessoal. Por intermédio da aceitação da Crucificação, o homem coopera com o destino - e, em certo sentido, o escolhe. E, quando escolhe o destino, liberta-se dele porque, nesse momento, o transcende.*



Nessa situação a nossa protagonista se vê desorientada e ri, o sentimento causado pelo esclarecimento. Ela entra pela porta buscando uma resposta, mas sabendo agora que tudo está em suas mãos, ela está mais viva do que nunca, mas também mais morta do que nunca. Quando percebemos a nossa vida, percebemos também como ela é só nossa e essa decisão (de viver, e como) está em nossas mãos e em nossas mãos apenas. Quem também pensa assim é o célebre Rubem Alves, que, ainda no livro “Ostra feliz não faz pérola” cria essa impressionante passagem:

*Não, não é nada mórbido. É que não temos opções. A vida é aquilo que fazemos com a nossa Morte. Ou a olhamos de frente e ela se torna amiga, ou fazemos de conta que ela não bate à porta, e ela entra noturna, pela porta da cozinha, para nos ir comendo em silêncio. Curioso que ela nada saiba sobre si mesma. Quem sabe sobre a Morte são os vivos. [...] E ela nos faz sempre a mesma pergunta: “Afiml, que é que você está esperando?”. Como dizia o bruxo dom Juan ao seu aprendiz: “A Morte é a única conselheira sábia que temos. Sempre que você sentir que tudo vai de mal a pior e que você está a ponto de ser aniquilado, volte-se para a sua Morte e pergunte-lhe se isso é verdade. Sua Morte lhe dirá que você está errado. Nada realmente importa fora do seu toque... Sua Morte o encarará e lhe dirá: ‘Ainda não o toquei’”.*

Agora chegamos ao fim da nossa aventura, nossa protagonista se depara com seu destino e o agarra com as mãos. Finalmente encontra a

liberdade e conseguimos enxergar isso com muita clareza. Mas é aqui que mora a questão final, que nos leva a um desfecho em aberto. A eterna e terrível interrogação jamais passível de resposta: a liberdade é a vida, ou a liberdade é a morte?



Figura 13 - Liberdade (Fonte: acervo próprio)

O último desenlace do clipe só se entrega de forma cíclica, assistindo mais uma vez. E é justamente a resposta para essa pergunta, nessa jornada. Se encontramos a mesma mulher, no mesmo espaço (mental), mas em outra ocasião e circunstância, isso só pode ser uma memória. Isto é, respondendo à questão, a escolha pela vida! As passagens da dança representam os mesmos momentos sendo lembrados mais tarde na vida, enxergados de outro ponto de vista. Então, afinal, como muitas vezes na vida, a resposta sempre esteve escondida em plena vista, desde o começo o fim já estava escrito e havia sido desenrolado.

E isso, sobretudo, também é crescer!





# Resultado

## 4.1. Pré-produção

### 4.1.1. Referências

No referencial estético busquei não apenas visuais, mas humanos que me inspiram. Homens, mulheres, artistas, LGBTQs, brasileiros, estrangeiros, de tudo um pouco. Aqui vou tratar das 3 maiores inspirações e referências estéticas, em questão de videoclipe. É importante que os estímulos não sejam apenas estéticos, e sim tragam consigo toda a força e mensagem da pessoa que há por trás, como o primeiro exemplo:

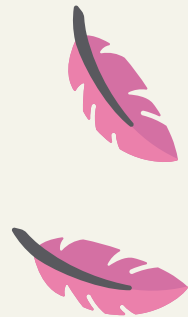


Figura 14 - Frame do clipe Pedrinho (2018), de Tulipa Ruiz (Fonte: Youtube da artista)

Tulipa Ruiz é cantora, mulher, feminista e advogada do “body positive”. Seu videoclipe de 2018, “Pedrinho”, é, em si, uma obra de arte. A referência vem da locação, a ambientação num lugar abandonado e talvez até considerado “destruído”, além da escolha de lugares dentro desse galpão que mostrem janelas, corredores e portas; objetos de aparição constante no meu filme. Outro ponto importante são os planos fechados em ações ou detalhes da composição, também muito presentes no projeto.



Figura 15 - Frame da performance de Sergei Polunin ao som de “Take me to Church”, dirigido por David LaChapelle (2016) (Fonte: Youtube do diretor)

Essa segunda é uma performance muito emotiva de uma música muito cheia de significados. Hozier, em “Take me to Church” fala sobre amor e homofobia. O dançarino em questão muito me inspirou durante anos, por sua paixão demonstrada através da dança, mas em polêmicas recentes não se mostrou alinhado com a mensagem do artista, muito menos

a minha - frustração que também nos ensina. Além disso, envolvido com esta performance está o fotógrafo David LaChapelle, famoso por suas fotografias coloridas, criativas e até talvez surrealistas, mas que sempre contam uma história. David foi pupilo do próprio Andy Warhol. Esse projeto me inspira não só na parte da dança, mas também tratando-se da locação. Para meu filme procuramos encontrar uma coreografia que retratasse a força da memória, inspirada nesse clipe.

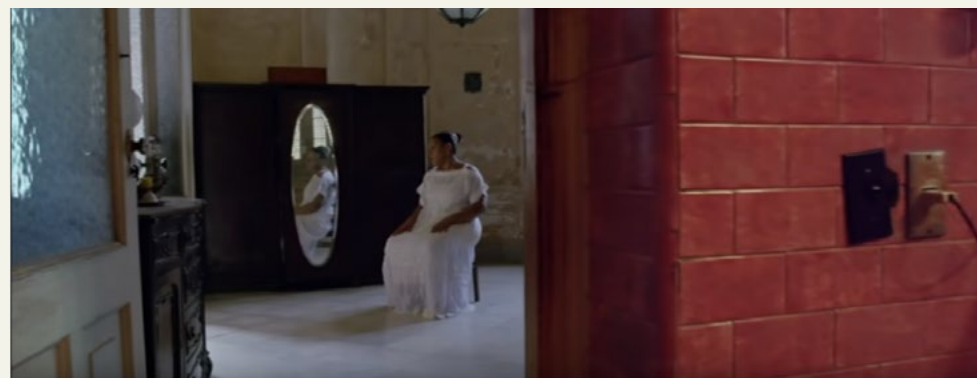


Figura 16 - Frame do clipe Triste, Louca ou Má (2016), da banda Francisco El Hombre (Fonte: Youtube da banda)

O quinteto é uma banda formada por brasileiros e mexicanos que falam sobre temas como aceitação e origens (especialmente latinas). Esse excerto do clipe de 2016 mostra muito do que eu mesma tentei mostrar. O cuidado com as cores, figurino neutro, espelhos, enquadramentos emoldurados, portas, batentes, paredes velhas. Além do figurado na imagem, o clipe mostra mulheres fora dos padrões ocidentais de beleza dançando num espécie de frenesi onde se rebelam contra o racismo histórico; tópico o qual não vou abordar pois não é meu local de fala, mas cito aqui pelo inegável ato de rebeldia em se

amar numa sociedade em que isso é absolutamente contra-rentável.

Além das referências estéticas, também separei uma seleção de músicas de artistas, músicos, musicistas e pessoas que inspiram a criação e a criatividade. Músicas que me inspiraram no lento processo de gestação desse projeto e me acompanharam de mãos dadas, confortando e estimulando a caminhada sempre adiante. A playlist pode ser acessada no spotify clicando [aqui](#), ou escaneando a tag abaixo.



#### 4.1.2. Concepção

Tendo trabalhado com arte por toda a graduação e ter praticamente me treinado para pensar imageticamente, minha imaginação é muito mais visual do que concreta, então a primeira versão do pré-projeto foi construída praticamente inteira dentro da minha cabeça, sem registro de uma palavra sequer. Tive a ideia e precisei me certificar de que não estava completamente maluca em meus devaneios, por isso confiei meus conceitos iniciais em algumas poucas pessoas próximas e tive respostas positivas, então segui em frente. Nessa etapa do projeto, também já era muito vívido em minha mente como eu queria cada locação, visualmente.

Depois de algumas discussões muito frutíferas com amigas e a então orientadora, segui no caminho de transpor as imagens da minha mente direto para o storyboard ao invés de criar um roteiro, que é um meio o qual não dominava na época e ainda não domino. Vou apresentar

aqui as imagens dos primeiros (e únicos) storyboards. Criei usando o photoshop e, por ser uma mídia digital, quis manter uma linha única; por isso pode haver alguma dificuldade em visualizar imagens tão pequenas, então os arquivos originais podem ser encontrados [aqui](#). É recomendado dar zoom na imagem para visualizar melhor cada quadro e as descrições.

É muito interessante olhar para trás e ver quantos dos quadros estão surrealmente iguais à minha visão inicial (como, por exemplo, os enquadramentos 2, 3 e 4 da sequência 2) e quantos mudaram por completo (como praticamente a completude da última sequência!)? Esse foi o primeiro rascunho do que veio a ser o Tanto Faz.

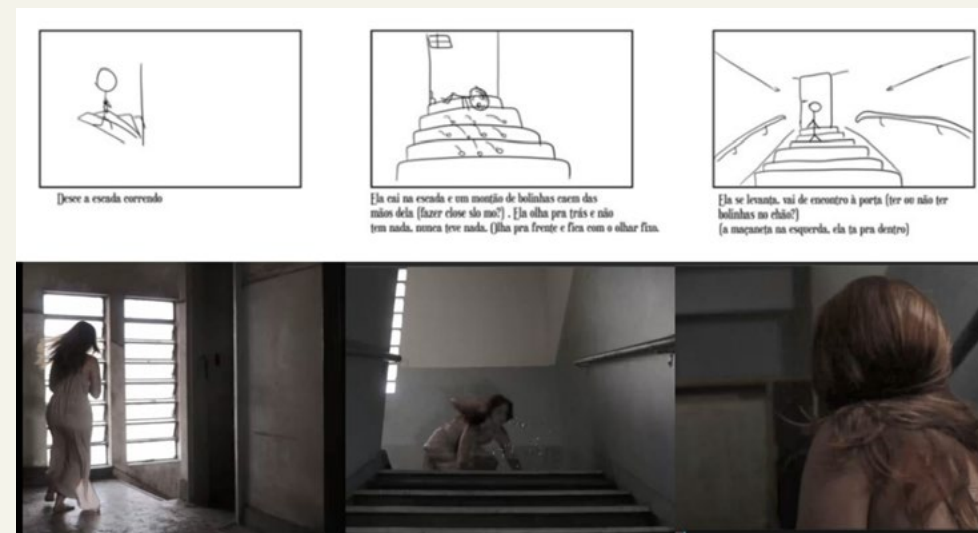


Figura 17 - Comparativo entre o storyboard e o clipe (Fonte: acervo próprio)



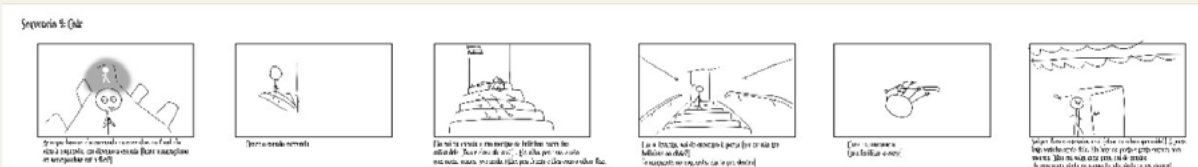
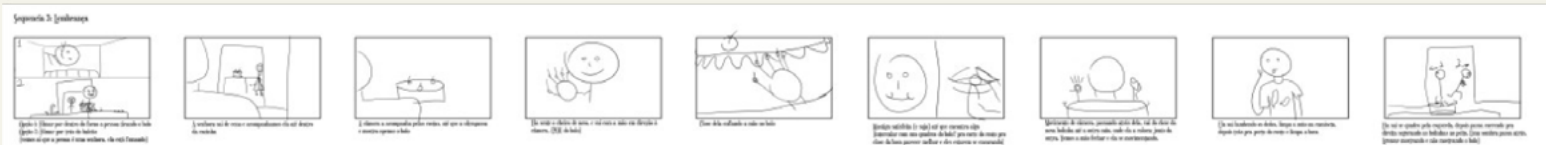
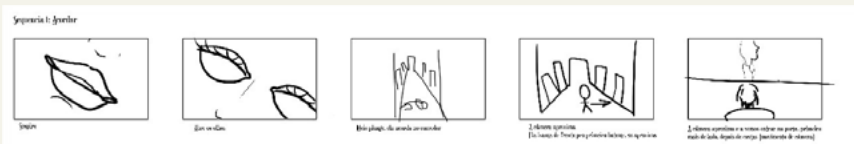


Figura 18 a 24 - Storyboards das sequências 1 a 7 (Fonte: acervo próprio)

Com os storyboards (aka o roteiro) prontos, entrei em contato com as duas diretoras de foto a quem confiaria minha vida e que, coincidentemente, na época tinham um projeto de temática parecida com o meu; Leticia e Graciela. Juntamos o útil ao agradável e embarcamos nessa aventura juntas.

Depois de algumas reuniões e conversas na sala da nossa casa, decidimos partir direto para a decupagem das cenas, ao invés de dar um passo para trás e tentar escrever um roteiro. Juntas, elaboramos uma espécie de tabela que nos ajudaria até na estimativa de tempo para montar as ordens do dia. Abaixo, um exemplo dos campos e da decupagem da primeira cena.

**Tanto faz**

CENA	PLANO (Nº)	LOCAÇÃO	AÇÃO/ DESCRIÇÃO/DIÁLOGO	PLANO	ÂNGULO	ATORES EM CENA	OBS	Estimativa De tempo
SICI	1	INT/D FERROVIARI A Sala	Protagonista deitada no sofá, câmera da zoom out	Começa próximo e termina em conjunto	De frente	protagonista	Como fazer esse zoom out sem ficar truncado? Usar steady e ir se afastando?	30 min
	2	INT/D FERROVIARI A Sala	Protagonista anda em direção ao corredor	Próximo	De costas	protagonista		15 min

Figura 25 - Exemplo de decupagem (Fonte: acervo próprio)

Com a decupagem pronta e várias mudanças aplicadas, tanto por motivos práticos quanto por motivos de verossimilhança e storytelling, pude passar para os próximos passos: casting, confirmar locações e a tão esperada produção de arte.

Para o casting falei com muitas pessoas, bailarinas, coreógrafas, amigas e etc. No final consegui contato com a sensacional Andressa Ugaya, professora de Ed. Física da UNESP. Conversamos bastante, contei sobre o projeto e ela ficou muito animada em participar, indicando a Beatriz, nossa atriz e dançarina. Não podia ter acertado mais, até porque no fim saímos amigas! Nós duas conversamos bastante antes das gravações e chegamos à conclusão de que não seria possível montar uma coreografia fechada, pois seriam muitos espaços diferentes e sentimentos diferentes, então ela ficou livre para criar e improvisar no ato.

Sobre a questão das locações: depois de entender que teríamos 5 espaços diferentes com 5 durações diferentes, tentei identificar onde cada um poderia se encaixar e fui fazendo muitas pesquisas, contatos com amigos do curso, ligações, simulações no uber e tudo mais. Sabíamos que seria preciso: algumas diárias num lugar abandonado (que, desde o início, já imaginei como a antiga ferroviária de Bauru); uma gravação de “ida e volta” numa casa externa com parede azul; uma diária só de natureza, com cachoeira e caminhadas; uma diária de estúdio e uma gravação rápida num descampado. E assim se fez.

Para conseguir autorização de gravação na ferroviária tive que passar por um trâmite um pouco burocrático, cheio de idas até o local e chás de cadeira, mas no fim assinei os documentos e deu tudo certo!

Isso acontece porque os andares superiores são desativados e fechados ao público, mas eu já conhecia pois participei de outras gravações por lá. É bem grande, vazio e bonito; mas um pouco aterrorizante e (literalmente) dolorido, porque os tacos de madeira que compunham o assoalho do antigo escritório que ficava ali foram retirados e sobraram apenas pregos de ferro protuberando em direção aos nossos pés. Esse foi um dos poucos locais que fizemos visita de locação (incluindo o horto florestal, que não fez parte do projeto) e ficou decidido pelos mantenedores que a porta para os andares de cima seria aberta pelos funcionários nos meus períodos de gravação. Nos pisos superiores não há eletricidade, banheiros ou água, então tudo sempre era feito, obrigatoriamente, durante o dia e em caso de alguma necessidade era preciso descer alguns lances de escada.



Figura 26 - Ferroviária (Fonte: acervo próprio)



Figura 27 - Pregos do assoalho (Fonte: acervo próprio)

Fora essa, ainda nos restavam mais 4 locações diferentes. A cachoeira foi a próxima das escolhas; foi uma situação mais prática do que realmente pensada, porque coincidentemente eu e uma das fotógrafas havíamos visitado a cachoeira da Glória juntas recentemente, então concordamos que seria possível gravar lá e assim se fez. Felizmente também era de nosso conhecimento que o caminho até lá era bem vazio e fotogênico, então pudemos aproveitar essa extensão da locação para gravar os inserts da caminhada.

Para o estúdio já era nítido que usaríamos as instalações da UNESP, então foi simplesmente uma questão de organização de datas, agendamento e montagem. Em contrapartida as duas locações mais difíceis de encontrar foram o descampado e a casa azul.

Minha ideia era que a porta da sequência azul não fizesse parte de uma grande estrutura, que fosse possível enxergar esse lugar em que ela se encontrava como uma espécie de portal, que só serve

exatamente para isso, não é uma casa, nem uma escola, um banco, nada, apenas uma passagem. Por isso acabou ficando mais difícil ainda. Nesse período me tornei uma pessoa extremamente observativa, meus olhos já se fixavam em qualquer ponto azul que batessem, na esperança de que fosse alguma instância promissora (e nunca era). Acabei aglutinando também, nessa missão de observação, meu então colega de trabalho Iriel; que mantinha olhos abertos para vários contextos diferentes do projeto, como veremos mais à frente. Comentei um dia sobre essa sequência e a dificuldade de encontrar uma locação, ao que ele respondeu que sua melhor amiga mora numa chácara com uma casa de ferramentas azul! E lá fomos nós. Locações: 4/5 concluído.

Para completar todas as locações fizemos mais uma visita, mas dessa vez não antes de muita pesquisa e contatos. O objetivo era um descampado em que a atriz pudesse correr até sair de vista de tão pequena, então o campo também não podia ser muito íngreme ou o que nos impediria de vê-la seria o relevo e não a distância. Depois de muitas pesquisas e futriques no google maps, fomos visitar o horto florestal, sem muito sucesso. Depois de perder um pouco as esperanças, falei com um grupo de Rádio e TV e recebi uma recomendação de um campo bem vazio e plano. Era perfeito! Parecia o cenário do teletubbies ou um plano de fundo do Windows. Mas do outro lado da cidade, perto do centro de tratamento do DAE.

Mesmo sabendo que seria um pouco difícil na questão logística da porta, decidi arriscar e seguir com essa locação, porque era perfeita demais para deixar passar. E que decisão acertada! É um dos meus enquadramentos favoritos!

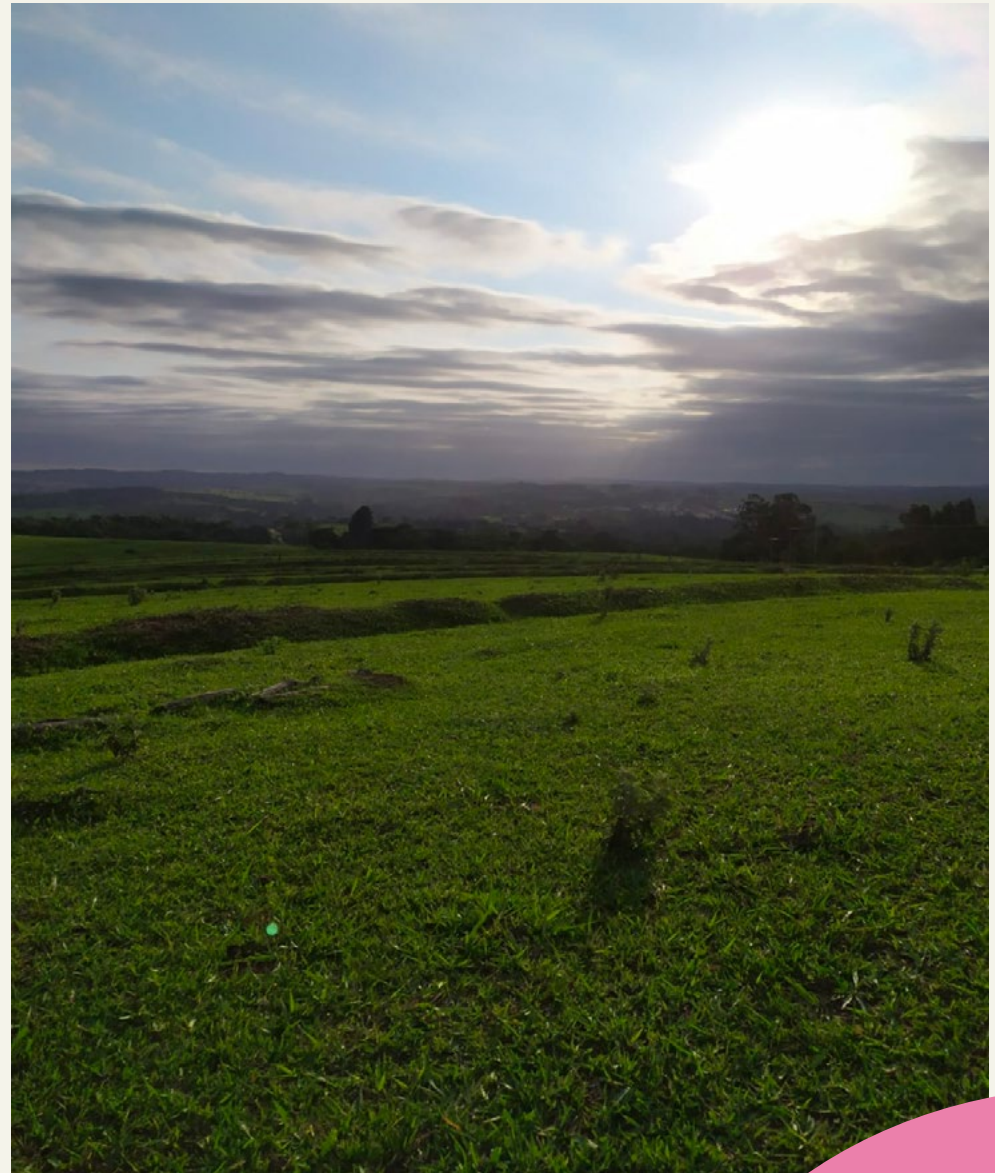


Figura 28 - Campo (Fonte: acervo próprio)

Com os lugares decididos, foi a hora de fazer a ponte entre todas nós e agendar as gravações. Como a minha equipe foi extremamente reduzida, isso não foi um grande problema e conseguimos colocar tudo numa sequência de duas semanas, com um dia de descanso.

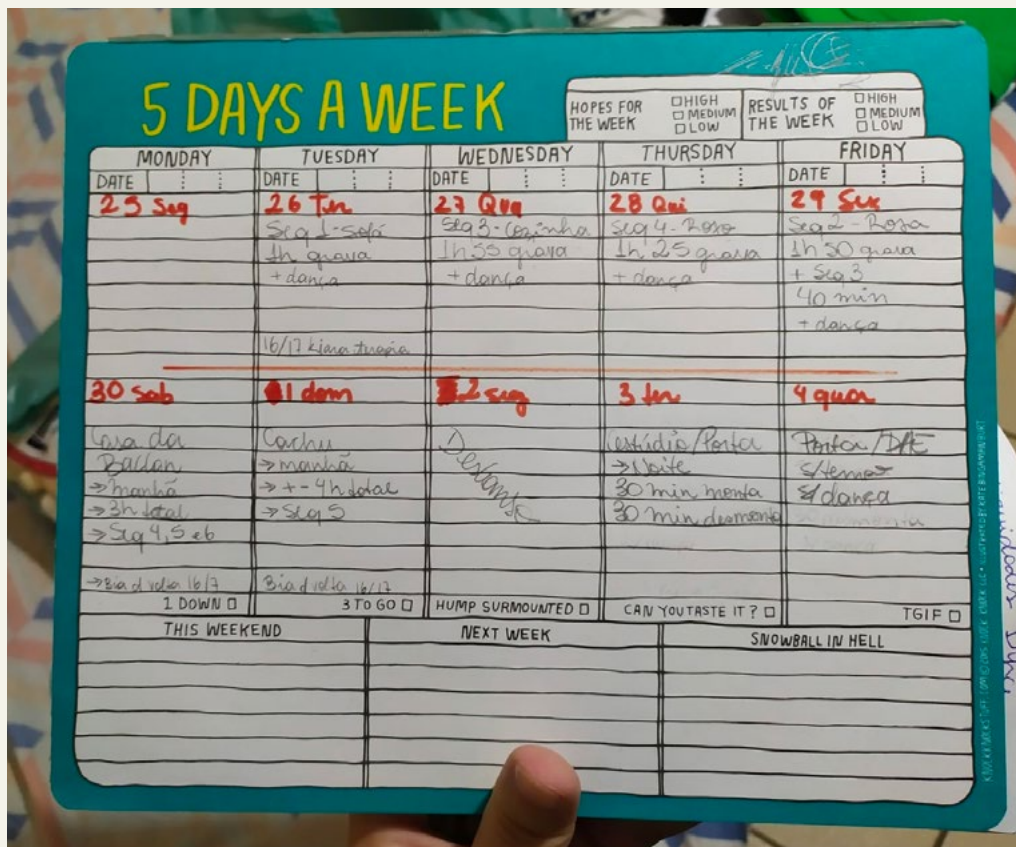


Figura 29 - Calendário de gravações (Fonte: acervo próprio)

Depois disso só nos restou elaborar as ordens do dia, muitas vezes feitas apenas por conversas de whatsapp, já que eram poucas cenas e enquadramentos. Trouxe aqui um exemplo de uma das ordens feitas por completo na tabela, para fechar esse relato.

TANTO FAZ Direção: Anynha				ORDEM DO DIA #04 Sexta-Feira, 29/11	
TARDE Equipe no set: 15h Refeição: 18h		Montando: 10h Filmando: 15:10 Fim do Set: 18		Pôr do Sol: 18:46 Previsão do tempo: Nublado/29 Graus	
SEQ.	Luz	Locação	Set	Descrição do Plano	Rodando
02	INT/DIA	ferrviária	Sala das flores	Entra na sala cheia de flores (plano americano)	15 min
02	"	"	"	Flores (plano proximo)	15 min
02	"	"	"	Puxa o pano para revelar o espelho (americano/conjunto)	30 min
02	"	"	"	Se olha no espelho 1 (espelho)	20 min
02	"	"	"	Se olha no espelho 2 (através do vidro)	10 min
02	"	"	"	Soca o espelho	15 min
02	"	"	"	Soca o espelho 2	15 min
02	"	"	"	Detalhe dos olhos	15 min
03	"	"	"	Plano próximo dos pés com os cacos no chão e a bolinha	5 min
03	"	"	"	Pega a bolinha e sai da sala	10 min
03	"	"	"	Pega a bolinha e sai parte (de frente)	10 min
"	"	"	"	Dança	indeterminado

Resumo da Análise Técnica - Dia #01 (Data)	
(A lista abaixo não substitui as listas individuais de cada equipe)	
ELENCO Bia	OBJETOS DE CENA - espelho - vidro - flores
FIGURINO Bia - Vestido bege limpo e vestido preto	

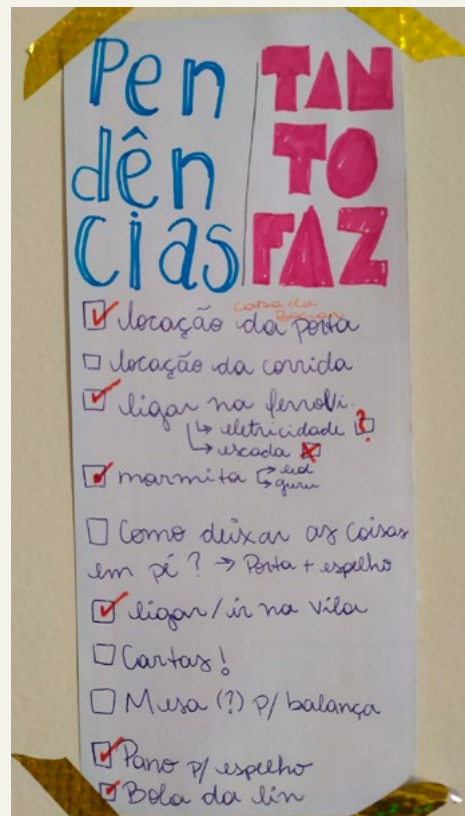
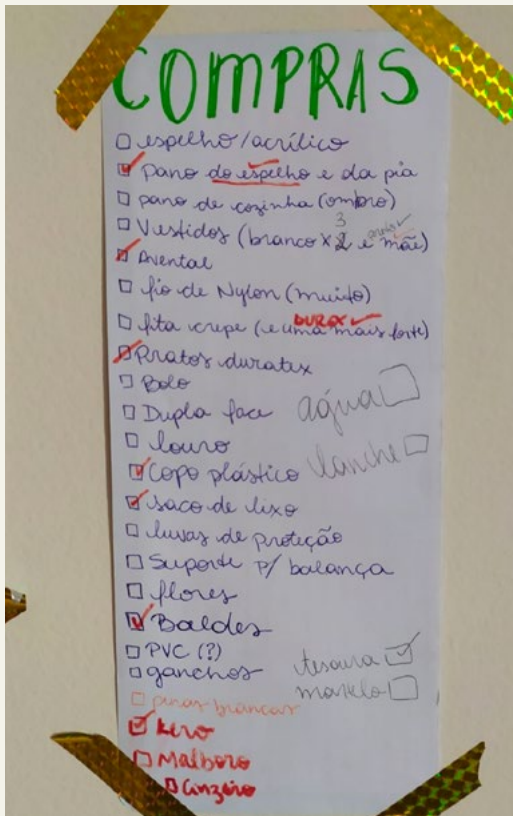
Figura 30- Ordem do dia da quarta diária (Fonte: acervo próprio)



## 4.1. Produção

### 4.1.1. Objetos

Depois de tudo decidido, elaborei algumas listas do que seria necessário e tentei comprar e produzir pouco a pouco, de acordo com o tempo disponível. Aqui estão as que fixei na parede do meu quarto, com os itens a serem comprados e providenciados.



Figuras 31 e 32 - Listas na parede (Fonte: acervo próprio)

Relatarei brevemente aqui a função de produção de objetos de alguns dos principais e mais interessantes: cenário verde, cenário rosa, porta, e (meu favorito) o coração. Outros objetos serão descritos em menos detalhes durante o relato das gravações, mas foram todos comprados ou emprestados.

Sobre o **cenário verde**: Talvez o mais simples dos relatos, mas não poderia deixar de cita-lo aqui, por conta da quantidade de elementos diferentes em cena, todos na mesma paleta.



Figura 33 - Cenário verde (Fonte: acervo próprio)

A verdadeira ousadia desse set foi transportar um fogão até a ferroviária, mas felizmente isso foi manejado e, como contarei no relato de gravação, deu tudo certo no final. Fora isso, esse é um dos cenários que dá maisquentinho na barriga de olhar: um porque representa a família, então já automaticamente nos traz aquela sensação nostálgica e dois porque é gostoso quando a paleta é assim tão óbvia; não sobra dúvidas de que o verde é o foco aqui.

A maioria dos objetos foi comprado apenas para essa cena, mas alguns já eram meus ou foram emprestados. As frutas, todas verdes, obviamente foram dos adquiridos unicamente para a situação; o pano de chita, toalhinha de mão, tapete, jogo americano e alguns dos itens pendurados (juntamente com os próprios ganchos que os seguram) também foram frutos das muitas visitas ao centro de Bauru. O fogão, a cesta e seu apoio, alguns utensílios e o prato do bolo eram meus. O cinzeiro foi emprestado pelo Fernando: colega de curso, de sala, vizinho e grande amigo pessoal.

Para o **cenário rosa** era sabido que seria necessário um pano rosa, cacos, um grande espelho e uma placa translúcida que fosse exatamente do mesmo tamanho; para que fosse possível um contraplano dela encarando a própria imagem. O pano e os cacos foram reutilizados de outros projetos: o pano do programa Agora Vai, apresentado no terceiro ano; e os cacos gentilmente cedidos pelas meninas do videoclipe Elã, Ana e Luiza. Além disso, a ideia original era que as flores estivessem penduradas por fios de nylon, como se crescendo contra a gravidade, então também aluguei uma escada imensa para poder colar os adereços no teto.

Após breves pesquisas consegui encontrar o melhor preço possível

para os maços e comprei todos no CEAGESP - Bauru. Na imagem abaixo verão o motivo de ter “baldes” na lista de providências: só era possível ir ao local da compra no sábado de manhã, mas a gravação era numa sexta, então as flores tiveram que ser armazenadas na minha casa até o dia de serem utilizadas.



Figura 34 - Flores em baldes (Fonte: acervo próprio)

Ao testar a ideia pela primeira vez, já vi que furar cada uma das flores e passar um fio por dentro do cabo seria um trabalho muito exaustivo, tendo em vista que tivemos cerca de mil margaridas em cena e a aparição era muito curta pra justificar esse trâmite todo, sendo que tê-las fazendo um caminho no chão seria tão interessante quanto. Assim cheguei ao resultado final que vimos no clipe e ainda economizei 80 reais da escada.

Já as grandes placas nos deram muito mais trabalho do que o esperado. Muito disso se deu apenas no dia da gravação, então será relatado mais adiante, mas mesmo antes do imprevisível já foi um

pouco diferente. Após muitas pesquisas, ligações telefônicas e quilômetros andados a pé, fui parar numa fábrica de acrílicos, onde fiz a compra mais cara do projeto: as duas placas. Nesse dia o vendedor me explicou todas as especificações e escolhi uma espelhada padrão e uma transparente escura, meio ocre; com essa grande compra, também “ganhei” a entrega dos produtos, que marquei para o horário e local da gravação correspondente. Além disso, ele me garantiu que eram como grandes pedaços de vidro, então naturalmente seria preciso uma maneira de estabilizá-las. Lá fui eu em busca de um marceneiro, que acabou se tornando um grande parceiro! Jesyl produziu dois pés que pareciam verdadeiras obras de engenharia, mas que acabaram não sendo utilizados e retornaram às suas mãos, assim também reduzindo o custo a zero.

Desde o início eu já imaginava que seria muito difícil encontrar uma **porta**, mas não me acometeram outras dificuldades, como transportá-la e mantê-la em pé. Tornando a parte de providência do objeto a mais fácil de todas, ironicamente.

Nessa época eu estava trabalhando no IEV, em Bauru, e a sede acabara de se realocar para o centro da cidade, então a maioria das minhas visitas ao calçadão para comprar itens do projeto se deram antes ou depois do trabalho, muitas vezes com a presença do meu colega de trabalho e amigo, Iriel. Numa dada semana aproveitamos em vários dias os nossos horários de almoço e visitamos todos os lugares possíveis para encontrar portas, mas sem sucesso em nenhum. Eu já estava perdendo as esperanças e pensando em outras alternativas para as gravações, mas em dado momento caiu um grande temporal em Bauru e nossa sala de trabalho foi inundada com água e terra, por conta da demolição da casa

ao lado, que havia sido construída há mais de 100 anos atrás. No dia seguinte fiquei muito curiosa para saber como a água havia se infiltrado numa construção tão nova e passei curiando atentamente o terreno, apenas para encontrar uma porta com batente deitada no chão! Nesse dia o portão estava fechado, mas anotei o telefone da imobiliária e liguei lá, recebendo a notícia de que não poderiam me ajudar, mas me disseram o nome do mestre de obras e recomendaram que eu falasse com ele. Muito intimidada de tentar essa interação sozinha, tive novamente a companhia do meu amigo e foi um sucesso. Os trabalhadores separaram a porta para que eu buscasse no dia seguinte e me informaram que é uma raridade encontrar portas com o batente em madeira maciça e que dei muita sorte, pois na retirada de portas modernas ele é destruído.



Figura 35 - Porta encontrada (Fonte: acervo próprio)

Para mantê-la em pé foi necessária outra invenção da marcenaria e engenharia, dois grandes pés em MDF foram parafusados um de cada lado. Também não houve investimento pois foram produzidos a partir de retalhos e cedidos pelo querido Jesyel.

O objeto com maior grau de produção em sentido absoluto da palavra foi o **coração**, que realmente foi construído do zero. O primeiro passo foi uma escultura feita em papel machê, que depois foi coberta de durepoxi para se tornar mais resistente e lisa, além de propiciar a moldagem. Depois disso fiz o primeiro teste com PU, um silicone acético de banheiro. Sei que não é o procedimento correto de moldagem, mas não havia espaço no orçamento para comprar o silicone próprio e eu já havia

usado essa técnica com pequenos objetos quando era mais nova, logo sabia que era possível; mas nunca com algo tão grande, então imaginei que a primeira vez talvez não fosse um sucesso. O método consiste em criar uma camada entre o silicone e qualquer outra superfície usando detergente (material que impede a aderência), e utilizar essa massa para envolver o objeto, criando um molde. Na primeira tentativa tudo correu normalmente, envolvi o coração na pasta e deixei secar. O problema começou no desmolde, quando o silicone rachou porque era rígido demais. Mesmo assim quis insistir na tentativa até o final, para saber se seria possível alcançar pelo menos algo perto de um coração; obviamente a gelatina vazou por todo lado e o experimento foi um fracasso. Da segunda vez o atendente da loja de construção me aconselhou a usar um PU de calha, não de banheiro, e só assim consegui o tão almejado sucesso! Depois de realizar o desmolde com êxito, preparei uma solução de gelatina super concentrada, com muito mais pó do que água, e despejei gentilmente no negativo, que foi para o congelador por alguns dias para congelar por completo. Isso porque eu sabia que o silicone não resistiria a mais um desmolde, ainda mais esse, em que eu prezaria muito mais pela integridade do positivo.



Figura 36 - Processo do coração (Fonte: acervo próprio)



#### 4.1.2. Gravações

As gravações foram todas organizadas de acordo com o tempo que todas as partes possuíam durante os dias, além do que também com a luz natural, já que quase todas as sequências contaram com ela. Na maioria dos dias a equipe, incluindo eu, tinha aulas e eu também tinha meu estágio, então acabamos estabelecendo diárias curtas, a maior delas sendo a sexta, com 4h. Quase todas as outras tiveram perto de 2h, como pudemos ver no calendário apresentado anteriormente.

#### Dia 1:

A primeira diária correu bem tranquila e rapidamente, sem percalços. Foi o segundo carreto da produção, mas o primeiro de muitos até a ferroviária; nesse levei o sofá e o fogão da nossa casa (minha e da Letícia), com a ajuda do Seu Alfredo, o dono do carro. Não tem foto desse momento porque estava chovendo muito, inclusive um dos meus medos era o fogão deixar de funcionar por conta disso. Mas isso é outra história.

Nesse dia gravamos a primeira sequência e levamos pouco mais de uma hora. A atriz foi de moto e a Letícia e Graciela de uber, e eu, mais cedo, de ônibus.



Figura 37 - Gravações do dia 1 (Fonte: acervo próprio)

## Dia 2:

No segundo dia gravamos a sequência 3, da cozinha. Foi uma diária marcada por acontecimentos inesperados: a equipe atrasou porque o nosso condomínio teve um surto de escorpiões, uma mulher invadiu o set e tentou me entregar um pássaro morto, tivemos a presença de um cachorro que não queria ir embora e a atriz teve que dançar em meio aos pregos. Fora isso, até que as filmagens correram normalmente.

Nesse dia, havíamos pegado emprestada uma câmera de modelo mais recente, para que fosse possível disparar e assistir a gravação com a porta do fogão fechada, enquadramento que era um dos últimos, por conta da ordem cronológica do take em que ela suja o vestido. E quando chegamos na cena do bolo, percebemos que a estrutura de ferro do fogão não permitia que o bluetooth da câmera funcionasse corretamente, então acabou acontecendo às cegas, como se fosse a mesma câmera que estávamos usando antes. Depois disso veio a cena de maior tensão do dia, mas que também foi a mais gostosa: a cena do bolo. Foi um momento de ansiedade para a equipe pois só havia um bolo, apesar de que como é um plano bem fechado, seria possível tentar gravar duas vezes, uma de cada lado da iguaria; o que não foi necessário, conseguimos em um único take. Depois dessa gravação o vestido sujo foi guardado para ser usado mais tarde e passamos a usar



outra peça exatamente igual.

Foi uma diária de pouco mais de duas horas e o padrão de locomoção praticamente se seguiu: fui de ônibus direto do trabalho e a atriz de moto, mas as meninas da equipe foram de carona com o querido Fernando.



Figuras 38 e 39 - Gravação do dia 2 (Fonte: acervo próprio)

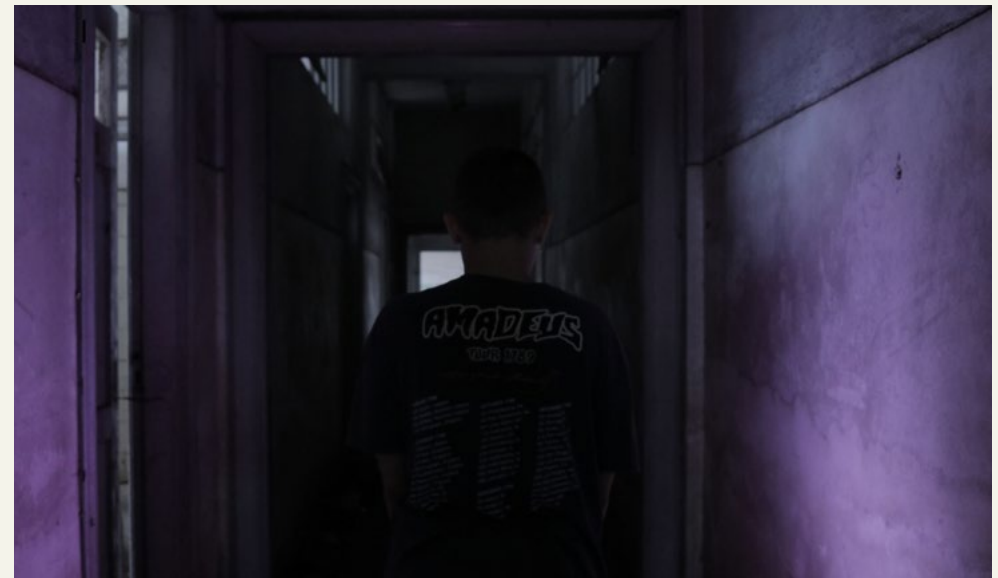


### Dia 3:

A terceira diária também foi bem tranquila, sem muitos problemas. Nesse dia a locomoção se deu como no primeiro e gravamos por cerca de uma hora e meia.

Essa era a sequência roxa, então usamos o LED para criar a luz colorida no corredor, e para gravar a cena em que a vemos através de um batente eu passava correndo atrás segurando o refletor, mas como não podia ser vista no enquadramento, passava engatinhando sem as mãos, que estavam ocupadas. E não é porque as meninas estavam do outro lado dessa cena ridícula que viveram uma situação mais favorável; tiveram que prender a respiração pois estavam dentro de um banheiro desativado. E nossa querida Bia então, que caiu muitas e muitas vezes naquela escada, derrubando bolinhas para todos os lados. Aqui agradeço mais uma vez a todas, por terem topado essa loucura que foi o Tanto Faz!

Inclusive essas bolinhas não eram de gude, pois poderiam causar acidentes futuros. Escolhi, para essa cena, utilizar bolinhas de gel, daquelas que crescem na água. Então para cada tomada dela caindo eu só varria as antigas e ela enchia as mãos com novas bolinhas. Como em toda gravação, a dança foi a última coisa a ser gravada, então nesse dia a Bia já estava bem cansada e suja de tanto cair, o que foi, de certa forma, poético, pois essa é, na minha opinião, a melhor cena de dança! Ficou muito potente e cheia de sentimento.



Figuras 40 e 41 - Gravação do dia 3 (Fonte: acervo próprio)

## Dia 4:



Foi a nossa última e mais desafiadora diária na Ferroviária, mas também criou uma das mais belas sequências! Nesse dia gravamos por pouco menos de três horas e tivemos novamente a carona e ajuda do nosso colega Fernando.

Como de hábito, cheguei um pouco antes e comecei os preparativos para o cenário: varrer muito, empurrar objetos para fora do campo de visão, picotar e posicionar as flores. Fiz isso sozinha por um tempo, mas logo meus companheiros chegaram para me ajudar; e nada da entrega dos acrílicos. Comecei a ficar preocupada e tentei por muitas vezes contato com a empresa, sem sucesso. Até que num determinado momento, uma mulher com quem eu nunca havia falado, me ligou e disse que não tinham a minha placa fumê; ou seja, além de terem vendido um produto que não poderiam entregar, sequer tinham saído da loja com as placas ainda! Após muitas negociações, conseguimos encontrar um meio termo, que foi uma placa transparente esverdeada.

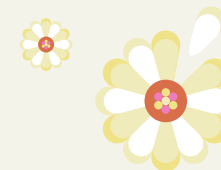
Quando os acrílicos finalmente foram entregues, percebemos que na verdade não se tratava de um material parecido com vidro, era uma espécie de plástico, quase que flexível! Algo que jamais pararia em pé, pois se assemelhava muito mais a uma folha sulfite do que uma chapa rígida. Não pude perder muito tempo com lamentações pois já estávamos atrasados, então lembrei de uma placa de MDF que estava jogada em outra antessala e, usando uma fita dupla-face, colei o espelho molenga naquela porta de armário e foi assim que fizemos. Durante toda a gravação havia um de nós atrás da madeira, segurando-a e também o espelho e o pano.

Assim, foram inutilizados os suportes de madeira.

No final do dia a equipe voltou de carro ou, no caso da atriz, moto; e eu fiquei para trás para carregar todos os objetos de volta para casa, com exceção do sofá, que doamos para a casa do hip hop, localizada no segundo andar do museu.



Figuras 42 e 43 - Cenário da quarta diária (Fonte: acervo próprio)





## Dia 5:

A quinta diária foi muito especial, pois foi quando viajamos todas juntas pela primeira vez. Nessa ocasião tivemos a ajuda e carona de uma grande amiga e parceira, Fernanda. Além dela, também tivemos a presença da Ana, colega de trabalho que nos cedeu o espaço do sítio onde ela morava. A casa era bem longe e a Bia tinha um festival de dança nesse dia, que era um sábado, então saímos bem cedinho e demos nosso melhor para que as gravações corressem bem rapidamente e que ela pudesse voltar a tempo do ensaio.

Captamos apenas as cenas da parede azul, ou seja, takes das sequências 4 e 5. Tudo fluiu agradavelmente e atingimos nosso objetivo antes do esperado. O único truncamento que aconteceu foi com a balança, que quebrou durante o transporte e já não conseguia mais ser um medidor funcional, mas rapidamente emendei suas correntes com cola quente e seguimos normalmente.

Nesse dia também tivemos a presença de um dos props mais esperados: o coração! Tirei do congelador apenas no momento em que saímos de casa e aperfeiçoei um pouco na hora de gravar, utilizando sangue falso feito de glucose de milho com nescau e guache vermelha. O resultado da utilização do prop foi satisfatório, mas, sendo sincera, esperava mais durabilidade, beleza e realismo. Essa cena do coração faz parte da sequência de volta da cachoeira, então foi gravada “adiantada” da cronologia e tive que acreditar nos meus instintos para fazer uma previsão: a cachoeira não vai deixar o vestido limpo como novo, então vamos gravar com o vestido sujo - pensei. Assim, usamos

o vestido que estava guardado e deixamos por último a cena em que ela o rasga, já que essa seria feita com a outra peça. Em minha cabeça, o melhor para manter a continuidade era sujar o vestido limpo na hora e usá-lo pela última vez ali, pois assim conseguimos preservar a mancha exatamente como foi feita na cena do bolo e nada saiu do lugar. Com isso em mente, gravamos o plano bem fechado e guardei o outro vestido mais uma vez.



Figura 44 - Gravações da quinta diária (Fonte: acervo próprio)

## Dia 6:



Na noite anterior houve um momento em que perdemos contato com a Bia, ela não respondia e não conseguíamos entender o que estava acontecendo. Fui dormir agoniada e acordei cedíssimo para a gravação, na esperança de que fosse apenas um mal entendido; mas não era. Ela havia sofrido uma queda durante a apresentação no festival e foi parar no hospital, com lesão no joelho, que é operado. Apesar de tudo isso ela ainda topou o desafio e nos metemos mais uma vez no carro da Fernanda, rumo à locação mais longe de todas: a cachoeira. Nesse dia gastamos cerca de 4h de diária, por conta dos intervalos entre uma gravação e outra.

A ideia era ir parando no caminho e gravar a sequência progressiva na ida e o regresso na volta, para preservar a verossimilhança, tendo em vista que na segunda parte ela estaria com as roupas e cabelos molhados. A ida foi tranquila, com as gravações sem nenhuma intervenção externa de passantes ou carros.

Quando chegamos à cachoeira percebemos a dificuldade que seria transportar os equipamentos até a espécie de praia que se formava na beirada da água, pois a descida era praticamente uma escalada. Com isso gravamos primeiro todas as cenas da parte de cima, depois desci sozinha e fui transportando os objetos de valor, já que era eu quem tinha tudo a perder. A Atriz teve uma certa dificuldade nesse momento por conta do joelho, mas também conseguiu descer.

Os planos que gravamos na parte de baixo da cachoeira eram as cenas dela saindo da água e a dança, apenas. No primeiro, a única divergência do planejado foi que o fluxo de água estava muito maior que

o esperado, devido às chuvas dos últimos dias (que, inclusive foram motivos de muito medo. Felizmente não choveu durante as gravações, mas antes e depois! Ufa!), então um dos meus planos foi literalmente por água abaixo. A intenção era ter folhas de louro na água no momento em que ela emerge, o que seria mais uma simbologia de vitória, mas elas não aparecem no plano. Um pequeno revés, se comparado com as outras sortes que tivemos.

Outro acontecimento inesperado também causado pela força da água foi a limpeza do vestido. A cachoeira da Glória nesse momento foi uma lavadora Electrolux industrial, pois mesmo entrando rapidamente na água apenas para um primeiro teste de enquadramento o vestido saiu completamente imaculado. Não tivemos muitos problemas com a continuidade dessa parte na montagem pois ao perceber o que aconteceu demos prioridade a planos com a atriz segurando a bola bem na altura do que seria a mancha. Depois, fiz uma pequena mancha no mesmo lugar usando terra e gravamos um plano detalhe para dar a entender que um pouco da sujeira se foi, mas ainda era o mesmo vestido. Assim, conseguimos manter a continuidade na sequência

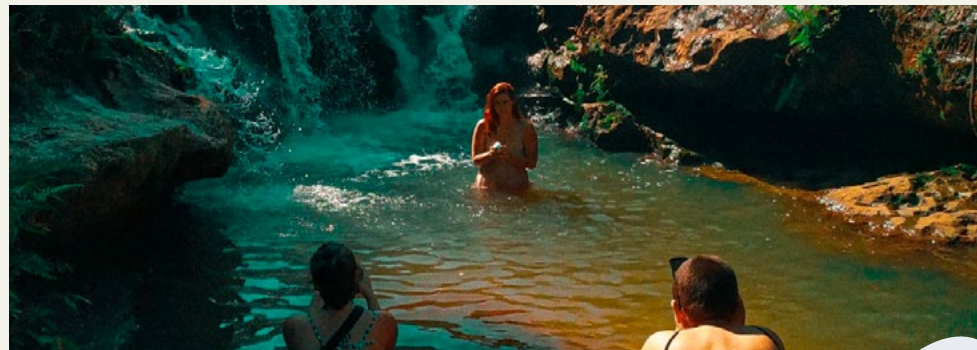


Figura 45 - Gravações da sexta diária (Fonte: acervo próprio)

de volta. Além disso, mesmo as outras cenas tendo sido gravadas com o vestido antes da água, pouco se nota essa divergência, pois o foco narrativo é outro.

Ainda sobre a conservação da coesão temporal, nota-se que a personagem se seca a tempo da chegada na porta da sequência azul. Isso sempre foi parte do plano, já que ela percorre um caminho longo de volta, assim como na ida. O que não era parte do plano era que o calor bauruense secasse a roupa e os cabelos da atriz antes mesmo das gravações diretamente após a cachoeira. Eu levei um spray com água, pensando que algo parecido pudesse acontecer, mas a caloria do interior da cidade excedeu muito as minhas expectativas e minha pequena fonte de água não serviu de muita coisa. A verossimilhança dessa parte foi literal, já que as cenas foram gravadas em sequência, mas não é tão perfeita por conta da visível secagem ultra rápida.

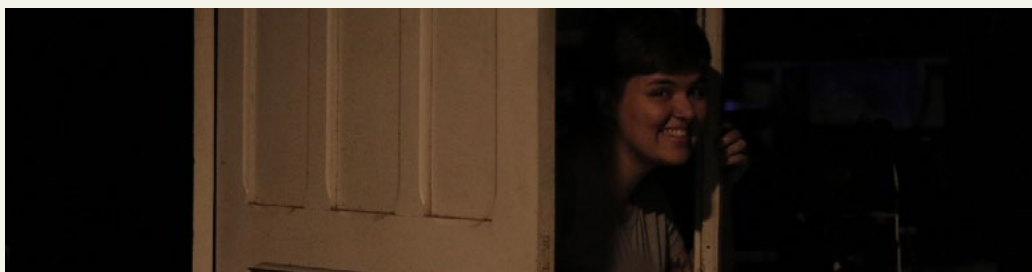


Figura 46 e 47 - Gravações da sétima diária (Fonte: acervo próprio)

## Dia 7:

Essa foi, de longe, nossa gravação mais rápida e tranquila! Ironicamente, também foi nossa única diária noturna. Ativamente gravando levamos menos de 20 minutos, já que foram apenas 3 planos bem curtos.

Ao chegar no estúdio da UNESP percebemos que ele estava sendo usado por uma turma que não desmontou o cenário e que iria continuar usando o mesmo no próximo dia, então o que era para ser um plano aberto com fundo infinito se tornou algo mais intimista, o que não foi de todo ruim, já que os enquadramentos ficaram bem legais! Logo encontramos um cantinho que nos acomodaria e começamos a organizar os objetos enquanto Jesyel não chegava. Usamos dois bancos como suporte e como superfície da mesa uma placa de acrílico bem grosso, reutilizada do TCC Reciclar-te, de Anna. Posicionei as duas cartas, gentilmente ilustradas pela designer (e motorista) Fernanda, paralelamente e alinhei com os mini cálices que seguravam as velas.

Com a chegada do marceneiro, conseguimos transportar a pesada porta até o estúdio, instalar as grandes chapas de madeira que seriam os pés, e a vimos na vertical pela primeira vez! Não ficou exatamente firme, mas foi mais do que suficiente. Também usei esse momento para devolver os pés do acrílico, que não foram usados.

Gravamos rapidamente e sem obstáculos, depois desmontamos em meio a conversas e um lanchinho. Foi uma ótima diária!

## Dia 8:

Chegamos finalmente ao fim das diárias! Para nós foi um alívio, mas ao mesmo tempo um peso no peito, pois sabíamos que seria o último suspiro do nosso último projeto juntas. As gravações correram bem, apesar de que a atriz ainda estava lesionada. Essa locação só pedia um único plano e contraplano, então em geral também foi bem rápida, apesar de o planejamento dizer “sem tempo”, significando que ficaríamos lá até conseguir o take.

Busquei a porta na UNESP com o Seu Mizuno, do carro, e a levamos até o descampado. Chegando lá pulamos uma cerca carregando a bendita porta com muita dificuldade e a posicionamos num ângulo em que não ficasse visível qualquer interferência externa, como muros e árvores grandes. Ele havia separado o período para acompanhar a gravação e depois retornar a porta à UNESP, então ficou por lá assistindo e descansando. Em pouco tempo o restante do pessoal chegou, Beatriz de moto e Letícia e Graciela com a Fernanda. Gravamos poucos takes e muito logo o Tanto Faz acabou.

Esse foi um momento de muita realização, então nos abraçamos e berramos muito aos quatro ventos. Há algo de muito catártico em soltar um grito num lugar desses, sem nenhum eco sequer. A força do som só sai e se dissipa, não rebate em lugar nenhum e não volta.

Depois de muitos sorrisos e risadas foi hora de se despedir da Bia e da equipe (essas apenas momentaneamente, pois morávamos no mesmo condomínio). As agradei muito lá e agradeço ainda aqui. Sem essas meninas realmente nada teria acontecido.

Minha decisão sobre o desfecho da porta foi deixá-la no estúdio. Eu até poderia ter deixado a porta lá no campo, como uma espécie de instalação, mas não achei prudente; um pouco pelo risco de queda e um pouco pela poluição que isso produziria. Então escolhi levar de volta ao acervo, onde ela poderá ser usada por outros alunos depois de mim e não virará lixo.

Quando enfim encerramos com as emoções, todas voltaram para casa e eu e o carro levamos a porta de volta para a UNESP, mas no meio do caminho começou a chover, bem a tempo de terminar a gravação. Foi nesse momento que Seu Mizuno me viu chorar.



Figura 48 - Gravações da sexta diária (Fonte: acervo próprio)



# Considerações finais

A arte não é uma experiência universal. Muito pelo contrário, é única, exclusiva, e depende do entendimento de cada um que a experimenta. A história relatada aqui é a minha história, que eu quis contar, mas nada garante que é a história que você vai entender, ou que precisa entender. A subjetividade permeia e encontra a arte de todos os cantos, não há como escapar. Mesmo quando se tem um objeto tão obviamente literal, como fazia Duchamp, ainda levantam-se questões profundas e filosóficas, do tipo: o que é arte?

Entrar nesse mérito seria uma dissertação completamente diferente, e com certeza ainda mais complexa. E seria uma horrível hipocrisia de qualquer artista esperar que sua peça seja entendida por completo à maneira que foi concebida. A arte é como um pensamento, só aquele a quem pertence poderá ter entendimento integral. Esse produto é, também, uma ode a isso, já que ao assistir com suas próprias referências reminiscentes, se cria uma versão da própria história em cada um que a acompanha. Ou seja, através da singular subjetividade individual, criamos novos significados a partir da mesma referência. E, isso, para mim, é arte!

Por muito tempo detestei esse projeto, não gostava nada do resultado final. Mas depois de tanto tempo e tantos acontecimentos,

consegui escrever esse relatório com muito saudosismo e nostalgia. Verifiquei em mim mesma o mesmo fenômeno que busquei representar com essa aventura toda. Após um longo período de crescimento e mudanças, consigo olhar para trás com novos olhos e enxergar tudo sob uma nova ótica. Eu realmente dei tudo o que tinha para dar em 2019, mas a Mute de 2020 (e 2021) não gostava do projeto porque faria tudo diferente. Essas divergências só se deram por conta justamente desse crescimento. Foi preciso dar um passo para trás e analisar a situação objetivamente: não é possível medir a qualidade de um trabalho feito numa circunstância, pensando em como seria o resultado caso a circunstância fosse outra. É a cena do coração. A vida imita a arte.

Essa foi a última chance de aproveitar tudo que aprendi nos últimos 6 anos e botar à prova. E acho que valeu a pena; todo crescimento vale a pena.

Assim, concluo aqui o meu período de graduação na UNESP, mas todas as memórias e crescimentos estarão para sempre no meu referencial individual.

# Referências

- FARO, P. Cinema, vídeo e videoclipe: relações e narrativas híbridas. RuMoRes, v. 4, n. 8, 6 dez. 2010.
- SOARES, Thiago. Videoclipe: O elogio da desarmonia. Recife: [s. n.], 2004. Disponível em: <[https://www.academia.edu/38557400/Videoclipe\\_O\\_elogio\\_da\\_desarmonia](https://www.academia.edu/38557400/Videoclipe_O_elogio_da_desarmonia)>. Acesso em: 17 set. 2019.
- BELLANTONI, Patty. If it's purple someone's gonna die: The power of color in visual storytelling. USA: Focal press, 2005.
- O ENFORCADO: Suspense. In: NICHOLS, Sallie. Jung e o tarot: uma jornada arquetípica. São Paulo: Cultrix, 2005.
- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- Fernandez, Gustavo Cortez. A ÁGUA COMO SÍMBOLO DE PASSAGEM DA MORTE PARA A VIDA. 2018. 104 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO.
- ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- O brilho eterno de uma mente sem lembranças. Direção: Michel Gondry, 2004. Filme, Estados Unidos.
- TULIPA RUIZ – Pedrinho. Direção: Fábio Lamounier, Pedro Henrique França e Rodrigo Ladeira, 2018. Videoclipe, BRASIL: ONErpm. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IweudQwZMzM>>. Acesso em setembro de 2021.
- Hozier – Take me to church. Direção: David LaChapelle, 2015. Videoclipe, Estados Unidos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c-tW0CkvdDI>>. Acesso em setembro de 2021.

**Obrigada!**